

ORDEM DA LIBERDADE  
MEMBRO HONORÁRIO

# AUTORES

S.P.A. ABRIL 2024  
REVISTA DIGITAL N. 11

SEM AUTORES NAO HÁ CULTURA



25 DE ABRIL  
**50 ANOS**

EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIAS  
DE **ALFREDO CUNHA**  
ASSINALA EFEMÉRIDE NA SPA

**A GAROTA NÃO**

Prémio José da Ponte  
entregue a Cátia Oliveira

**MARIA ELISA  
DOMINGUES**

Vence Prémio Igrejas Caeiro  
e fala sobre a actualidade

**CARLOS  
MENDES**

Recebe  
Prémio Pedro Osório



# REVISTA AUTORES

**Director** José Jorge Letria

**Coordenação Editorial** Paulo Sérgio dos Santos

**Coordenação de Imagem** Jaime Serôdio



+351 213 594 400  
geral@spautores.pt

Av. Duque de Loulé 31  
1069-153 Lisboa

[www.spautores.pt](http://www.spautores.pt)



# CONTEÚDOS



28

## MARIA ELISA DOMINGUES

“A GRANDE VANTAGEM DA FICÇÃO, DA DRAMATIZAÇÃO DAS COISAS, É QUE, REALMENTE, CONSEGUE PUXAR O QUE HÁ DE MELHOR E O MAIS INTERESSANTE NO SER HUMANO.”

## 04 EDITORIAL

“A SPA COMEMORA OS 50 ANOS DO 25 DE ABRIL, AGRADECENDO AOS CAPITÃES DE ABRIL O DERRUBE DA DITADURA E RECORDANDO QUE (...) ESTA NUNCA DEIXOU DE SER UMA CASA REPRESENTATIVA DA LIBERDADE E DOS VALORES DA CIDADANIA”

## 11 “O MAR DE CAMÕES”

SPA PROMOVE, NO PRÓXIMO DIA 29 DE ABRIL, ÀS 21H30, NA AULA MAGNA DA REITORIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA, O CONCERTO, HOMENAGEM AO GRANDE POETA PORTUGUÊS

## 13 ALFREDO CUNHA

ENTREVISTADO SOBRE A EXPOSIÇÃO:  
“25 DE ABRIL DE 1974, QUINTA-FEIRA”

## 24 CARLOS MENDES

“ESTE PRÉMIO RENOVOU-ME. VAMOS ENVELHECENDO, VAMOS DESLIGANDO UM BOCADINHO. ESTES PRÉMIOS SÃO FUNDAMENTAIS PARA A ENERGIA DOS PRÓPRIOS AUTORES.”

JOSÉ JORGE LETRIA



## A SPA COM VONTADE E DETERMINAÇÃO CELEBRA ABRIL E UNE OS AUTORES

**A** SPA encontra-se num período de estabilidade financeira, com resultados positivos que constam expressivamente no relatório aprovado na última assembleia geral e que são reveladores do rigor com que esta instituição tem sido gerida por uma equipa coesa, com apoio de funcionários dedicados.

Cada vez com mais autores a procurarem o seu apoio, a SPA comemora neste momento os 50 anos do 25 de Abril, agradecendo aos capitães de Abril o derrube da ditadura e recordando que, mesmo nas décadas mais duras da repressão, esta nunca deixou de ser uma casa representativa da liberdade e dos valores da cidadania. Por outro lado, a SPA prepara para 2025 a comemoração do centenário da sua fundação, debatendo com os seus cooperadores o projecto

de criação de uma nova sede que vai acrescentar mais espaço funcional e pelo menos 40 lugares de estacionamento à cooperativa. Essa decisão irá ser tomada numa assembleia geral, em data a anunciar.

Por outro lado, a SPA tem apoiado a edição de livros que enaltecem o espírito de Abril, desejando que o governo em funções respeite a autonomia da cultura e dos seus múltiplos criadores.

No plano internacional, a SPA confirma e consolida o seu prestígio, tencionando continuar presente nos seus principais espaços de decisão, numa altura em que se discutem temas fundamentais como a inteligência artificial.

Com boas contas e uma mobilizadora vontade transformadora, a SPA, motivada pelo espírito de Abril, encara o futuro com confiança e sempre renovada determinação e criatividade.

Abril de 2024

# SPA CONGRATULA-SE COM RELATÓRIO SOBRE MERCADO DE STREAMING DA MÚSICA

O plenário do Parlamento Europeu adoptou, com esmagadora maioria, o relatório do eurodeputado Ibán García del Blanco sobre

## “Diversidade cultural e as condições para os autores no mercado europeu de streaming de música”.

A SPA e o Grupo Europeu das Sociedades de Autores e Compositores (GESAC) congratulam-se com o empenho do Parlamento Europeu em dar resposta às preocupações dos criadores e apelam a que a UE garanta a transparência e a diversidade cultural em todas as plataformas de streaming de música através de legislação adequada.

Este relatório destaca os actuais desequilíbrios na divisão e distribuição das receitas globais assim como as práticas fraudulentas e injustas que prejudicam os criadores e ameaçam a diversidade cultural. Apesar do consumo crescente de música online, a maioria dos autores e compositores enfrentam situações precárias num mercado que ainda não lhes proporciona uma remuneração justa pela utilização das suas obras.

A cooperativa dos autores portugueses, que esteve fortemente empenhada neste processo em Bruxelas, saúda os eurodeputados que se mostraram sensíveis para com esta situação tão importante para os criadores e espera que a necessária legislação seja produzida com celeridade.



## ANTOLOGIA

### “AS PALAVRAS DAS CANÇÕES”

EM FASE DE DISTRIBUIÇÃO,  
HOMENAGEIA DEZENAS DE AUTORES

A antologia “As Palavras da Canções” (Guerra e Paz), com mais de 300 páginas e um total de 150 letras de canções de várias décadas, com organização de João Carlos Callixto, já se encontra em fase de distribuição pelas livrarias, constituindo uma obra essencial de referência sobre décadas de vida da música portuguesa, antes e depois do 25 de Abril.

A antologia foi lançada no Auditório Frederico de Freitas da SPA no passado dia 9 de Abril, com intervenção musical de Samuel Úria. O livro, prefaciado por José Jorge Letria, presidente da SPA, tem prefácio do jornalista e crítico Nuno Pacheco, sendo uma forma de celebração da capacidade de criação de muitas dezenas de autores portugueses.

## RELATÓRIO E CONTAS DA SPA

APROVADOS COM 156 VOTOS PRESENCIAIS E POR “ZOOM”

O Relatório e Contas da SPA foram aprovados, em assembleia geral efectuada presencialmente e por “zoom” na sede da cooperativa, com 156

votos a favor, um contra e quatro abstenções.

Esta assembleia, que representou o regresso dos cooperadores participantes ao modelo presencial após os anos da pandemia do covid 19, sublinhou a estabilidade financeira e organizacional assegurada pela actual gestão, que comemora os 50 anos do 25 de Abril e prepara para 2025 a comemoração do centenário da criação da SPA.



# MENSAGEM DA SPA

## DIA MUNDIAL DO TEATRO 2024

### OBRIGADO, CARLOS!

É

assim que sinto que deve começar este texto. Porque o Carlos Avilez é um exemplo de amor ao Teatro como poucos. E falo do Carlos no presente porque ele está presente nas muitas memórias que temos de grandes espectáculos que encenou. Como esquecer os seus Ibsens, os seus Genets, ou esta última andorinha que ele sonhou para que depois a Cucha Carvalheiro fizesse voar?

O Carlos está presente na generosidade com que abriu portas aos mais novos num tempo em que era muito simples falar com os directores dos teatros.

E principalmente o Carlos Avilez está presente nos actores de tantas gerações que passaram pela Escola de Teatro de Cascais e se afirmam ou ainda buscam a afirmação de tão jovens, de tão curiosos por este estranho e maravilhoso ofício que é o teatro.

A escola que o Carlos fundou ajuda a que vejamos novas gerações de actores muito talentosos a brilhar um pouco por todo o país nos palcos de tantas companhias que, contra

ventos e marés, apresentam propostas muito variadas. E essa diversidade é o que importa. O que importa é que o Teatro está vivo e, no frenesim das vidas instagramáveis, continua a ser o lugar onde o artista nos olha nos olhos e fala, sem filtros, sem photoshop, sem inteligência artificial. Só o actor. A palavra. O silêncio. O público.

Estas novas gerações de actores preocupam-me. Com os orçamentos exíguos das companhias, tem de se programar peças com poucas personagens, porque muito poucas vezes há orçamento para um elenco grande. Isto leva a que se eliminem personagens secundárias que tão enriquecedoras são para um espectáculo e tão importantes são para quem está a dar os primeiros passos no teatro.

Está na hora de os poderes olharem para estes problemas com mais atenção. Está na hora de parar com esta “lógica de programador” que leva a que as peças estejam em cena três ou quatro dias sem deixarem um espectáculo crescer, sem deixarem que o boca-a-boca funcione (e nós sabemos que, se o boca-a-boca sempre foi a melhor publicidade para um espectáculo de teatro, ainda o é mais nestes tempos de redes sociais). Se não tomarmos medidas rapidamente, estaremos a matar a hipótese de criar novos públicos, públicos mais jovens a quem não damos sequer a

oportunidade de descobrir os mundos que se escondem num palco. No entanto, viveremos muito contentinhos connosco mesmos porque tivemos sempre casa cheia, sempre com os mesmos rostos sentados na plateia, sem nunca chegarmos a um rosto novo, a uma vida diferente.

Nos 50 anos do 25 de Abril, é preciso reclamar para o Teatro essa possibilidade de criar pensamento, de inventar questões, de não seguir a agenda dos governos nem dos partidos da oposição, de ser milagrosamente livre para questionar, para entreter, para emocionar e inclusivamente para não fazer nenhuma destas coisas.

A paixão de quem faz teatro é tão grande que, quando subimos para o palco, estamos sempre a inventar uma nova liberdade. Em cima do palco é sempre Abril. Somos livres, somos levados por uma paixão inquebrantável, uma súbita e constante curiosidade por tudo e por todos. E é por isso que só vejo um mundo possível através do Teatro. Ao olharmos com receio para o que vem acontecendo no mundo, reclamo para as tábuas do palco uma dimensão política de que ele talvez tenha andado afastado nos últimos anos.

Há uma criança a ser morta em Gaza a cada 15 minutos, as violações dos direitos humanos ultrapassam fronteiras impensáveis, os partidos de extrema-direita crescem em todo



o mundo e, com este crescimento, põem em risco direitos que já considerávamos adquiridos. Não se pode fazer teatro como se tudo isto não existisse. Assim como, após Abril, foi necessário um Teatro de intervenção, penso que está na hora de voltarmos a usar o Teatro como instrumento de mudança do mundo. Cedermos às lógicas capitalistas pela vaidade de termos “sucessos de público” leva a um esvaziamento completo dos palcos. Na minha juventude, quantas vezes estive em teatros quase vazios a ver espectáculos que mudaram para sempre a minha vida?

É preciso reencontrar essa inquietação e fazer um Teatro que procure ser Teatro mais do que ser um grande sucesso. E isto não é nada contra o sucesso. É contra a “lógica capitalista do sucesso”. Não quero terminar esta mensagem sem fazer um pedido aos poderes municipais. Um pedido que deveria ser uma exigência. E não peço para mim que isso me dá vergonha. Peço que encontrem um espaço à altura dos “Artistas Unidos”. Como todos sabemos, eles estão prestes a ficar sem casa. O tecido teatral português não se pode dar ao luxo de perder uma preciosidade como é

aquela companhia onde vi alguns dos melhores espectáculos dos últimos anos.

É isso que me apetece: celebrar os obreiros deste ofício tão necessário ao mundo, aplaudir os jovens e os menos jovens que todos os dias esperam que as luzes se acendam para subir a cortina, vender bilhetes, limpar o palco, lançar um efeito de luz, tocar um instrumento e dizer a mesma frase vezes sem conta, sempre pela primeira vez.

# VIVA O **TEATRO!**

TIAGO TORRES DA **SILVA**

27 DE MARÇO DE 2024

## **SPA E NOVO GRUPO** CRIAM PRÉMIO DE TEATRO **CARLOS AVILEZ**

**A** SPA e o Novo Grupo-Teatro Aberto decidiram manter a atribuição do prémio anual para textos inéditos de teatro, passando a chamar-lhe Prémio Carlos Avilez, em homenagem ao fundador do

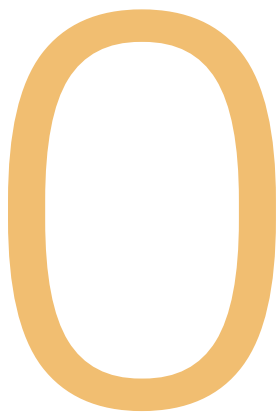
Teatro Experimental de Cascais, que foi durante de décadas um dos mais talentosos e inovadores encenadores portugueses. **Carlos Avilez** recebeu o **Prémio Vida e Obra da SPA** no Teatro Nacional D. Maria II em 2016. Em 2005, Carlos Avilez foi distinguido com a **Medalha de Honra da cooperativa.**



O **prémio de teatro** que agora recebe o seu nome é atribuído desde 1997, tendo as peças premiadas sido levadas à cena regularmente pelo Novo Grupo/Teatro Aberto. Por decisão da **SPA** e do **Novo Grupo**, irá ser publicado um volume com todas as peças premiadas.

# MENSAGEM DA SPA

## DIA MUNDIAL DA POESIA 2024



que mais eu amo no poema é a sua proximidade ao sentimento e à música. A Poesia é uma forma de linguagem para a beleza; uma imaginação verbal no seu estado mais puro. Apetece-me fazer-lhe o elogio como se ela fosse algo que estivesse ao mesmo tempo no centro (na essência) e muito para além de toda a Literatura. Alguém inventou o poema para ser cantado; criou-o como forma superior de pranto e oração aos deuses da Música, do Silêncio, do Sonho e da grande Melancolia que atravessa todos os séculos do Homem. Por isso, o poema é ao mesmo tempo dor e canção, desamparo e amor, solidão e solidariedade, desespero e esperança, escuridão e luz perpétua da nossa claridade. Há sempre um lado noturno e outro diurno naquele que escreve o poema.

Mas o que existe de tão luminoso na escrita dos poetas? E que pode haver de poético na linguagem dos prosadores? O poema pertence ao género masculino ou feminino? Perguntas meramente retóricas, não vim para responder.

Em todo o caso, penso que há qualquer coisa de múltiplo na ideia de cada um acerca da Poesia. O elogio que dela se possa fazer não deve ser genérico nem abstrato. Cada um de nós traz em si, consigo, uma reserva desconhecida de Poesia. O nosso destino é também o dos poetas. Porque ela, Poesia, é um trabalho da sensibilidade e do ouvido – do ouvido que reconhece a música, mas também do outro: aquele que ouve e escuta o mundo, que ouve o silêncio e a voz dos humildes, dos humildes universais que devíamos ser todos nós. Não se pense que a Poesia mora apenas no poema: existe a prosa poética, tal como há poemas “prosaicos”. Ela é sobretudo uma voz no interior da linguagem, algo como um suspiro ou um grito sem voz, e tanto pode morar à esquina de um soneto ou de uma oitava, como em cima de um muro erguido pelas palavras, isto é, pela prosódia de uma prosa. Cada um de nós deve assumir a condição e o destino do poeta à sua medida, ou à sua maneira. A Poesia não carece em absoluto de forma escrita: está no ar, nos olhos, na palavra dita e por dizer, na sensação e no sentimento do que amamos ou combatemos. Tal como o poeta, também o poema tem causas a suscitar ou a defender: do amor à amizade, da vida à morte, do júbilo à dor, da indignação à revolta, da rua e da casa do poeta à morada universal da humanidade inteira. Ele está na rua, connosco se deita e se levanta: caminha, trabalha

e regressa a casa – “ó subalimentados do sonho! a Poesia é para comer” (escreveu Natália Correia).

A poesia há de ser sempre um modo de sairmos de nós para os outros, e vice-versa. Pertencem-me todos os versos dos outros poetas, bem como toda a música do mundo é minha no momento em que a escuto. O que a mim mesmo não perdo é o não ter sido eu a escrever versos assim: “senhora, partem tão tristes / meus olhos por vós, meu bem/ que nunca tão tristes vistes/ outros nenhuns por ninguém” (João Ruiz de Castelo-Branco). Ou estes magníficos e melodiosos versos de Camões: “Estavas, linda Inês, posta em sossego,/ De teus anos colhendo doce fruto,/ Naquele engano da alma, ledo e cego, / Que a fortuna não deixa durar muito”.

E que bonito seria se ainda hoje pudéssemos dizer: “posta em sossego” à mulher amada; ou render-lhe maravilhas poéticas como estas: “O meu olhar é nítido como um girassol” (Alberto Caeiro); “Prefiro rosas, meu amor, à pátria” (Ricardo Reis); “No meu país não acontece nada/ à terra vai-se pela estrada em frente” (Ruy Belo); “Há sempre uma noite terrível para quem se despede/do esquecimento” (Herberto Helder).

Mas, muito pior do que isso e o mais, será um homem despedir-se da sua memória da Poesia.

**POR JOÃO DE MELO**  
21 DE MARÇO DE 2024



## A SPA EXERCE O SEU “DIREITO DE RESERVA”

POR UMA **INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL** TRANSPARENTE,  
JUSTA E RESPEITADORA DOS DIREITOS DE AUTOR

**A** SPA vem tornar público que adota o recurso ao “Direito de Reserva”, mecanismo reconhecido pelo Artigo 4º, n.º 3 da Directiva (UE) 2019/790 do Parlamento Europeu e do Conselho de 17 de

de Abril de 2019, e pelo art. 75º, n.º 2, alínea w) do Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (Decreto-Lei n.º 47/2023 de 19 de Junho). Este instrumento jurídico permite providenciar um mecanismo de exclusão para a exploração comercial das obras para efeitos de prospecção de textos e de dados, no que toca a qualquer técnica automatizada de análise de dados inerente a ferramentas de inteligência artificial.

Ao exercer o seu Direito de Reserva, em linha com as orientações das instituições internacionais que integra, a SPA pretende repor os direitos exclusivos aos autores tornando operações de prospecção sujeitas a autorização prévia. Assim, as entidades que utilizem obras da SPA para alimentar as suas bases de dados de treino e para empreender actividades de prospecção de dados baseadas nas mesmas terão que solicitar autorização prévia junto da SPA e negociar obrigatoriamente as condições de utilização.



A SPA exerce o seu Direito de Reserva em nome dos seus membros, pelo que a prospecção de obras (o chamado datamining) pertencentes ao repertório da SPA por entidades que se encontrem a desenvolver ferramentas de inteligência artificial necessitará de autorização prévia, de modo a garantir uma remuneração justa para todos os autores que a SPA representa.

A SPA, convicta das inúmeras oportunidades que podem ser potenciadas pelo desenvolvimento da inteligência artificial, não procura colocar qualquer entrave ao seu desenvolvimento, mas, tão somente, tentar assegurar - no presente e para o futuro - o equilíbrio deste processo entre todos os interesses com a expressa salvaguarda dos direitos dos autores por si representados.

SPA / ANTENA2

**PRÉMIO  
COMPOSIÇÃO**

13ª Edição

SAIBA MAIS  
**AQUI**



2024

# CISAC APELA AOS GOVERNOS DA UNIÃO EUROPEIA

## SOBRE REGULAÇÃO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL



A SPA, que recentemente editou o livro “Inteligência artificial e cultura: do medo à descoberta”, com a chancela da **Gradiva**, já teve oportunidade de alertar o governo português para a importância do assunto e espera que a posição nacional seja de defesa intransigente destas posições justas e inadiáveis.

A SPA subscreve o seguinte apelo enviado pela Presidência da Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores (CISAC) a todos os governos da União Europeia:

“Escrevemos em nome de mais de 5 milhões de criadores de repertórios diversos e de diferentes regiões do mundo para pedir à União Europeia que garanta que sejam estabelecidos na Lei de IA da UE princípios de transparência adequados.

A Lei da UE sobre IA é um primeiro passo crucial na resposta política à IA e ao seu impacto nas indústrias culturais. A Lei deve permitir adaptar a legislação actual de forma a criar um ambiente positivo para a IA, que sirva e melhore a criatividade humana, em vez de a suprimir.

As ferramentas de IA têm um enorme potencial positivo para os criadores e nada impedirá a emocionante revolução já em curso. A IA generativa pode alargar as fronteiras da criação humana, melhorar a expressão artística e proporcionar aos criadores novas oportunidades de licenciamento e fluxos de receitas. Mas a IA também requer regulamentação inteligente. Acreditamos que a Lei da UE sobre IA deve impedir que esta prejudique a criatividade humana e ameace a subsistência dos criadores.

Certos princípios fundamentais devem, portanto, sustentar a Lei da IA.

Os criadores devem poder licenciar e ser remunerados pela utilização das suas obras pelos operadores de IA. Da mesma forma, devem saber quando os seus trabalhos estão a ser usados para treinar IA e também os consumidores devem poder identificar conteúdos de IA e estar cientes de que o conteúdo que ouvem, vêem ou lêem não foi criado por seres humanos.

Instamos, portanto, a UE a garantir que a Lei da IA aborda a necessidade de transparência por parte dos operadores de IA e exige que cumpram a legislação de direitos de autor existente. As obrigações de manutenção de registos devem ser uma norma esperada em toda a cadeia de valor e não podem ser consideradas uma sobrecarga para os operadores de IA. Devem ser redigidos de uma forma que incentive a colaboração aberta entre empresas de tecnologia e criadores.

A IA mudará radicalmente o mundo para os criadores e as indústrias criativas. Com uma regulamentação inteligente que proteja os criadores humanos e exija transparência, isto pode ser positivo para a cultura, a arte, os negócios digitais e a economia criativa.

Apelamos à UE para que avance urgentemente nesta questão e mantenha o seu papel de liderança global na promoção dos direitos dos criadores.”





O mar de  
**CAMÕES**

concerto

29 . Abril . 2024 | Aula Magna

SPA APRESENTA

# “O MAR DE CAMÕES”

E ENTREGA **PRÉMIO VIDA E OBRA**  
A HERMAN **JOSÉ**

**A** SPA promove, no próximo dia **29 de Abril**, às **21h30**, na **Aula Magna** da Reitoria da Universidade de Lisboa, o concerto “O Mar de Camões”, que homenageia o grande poeta português autor de “Lusíadas” e de imortal poesia lírica, no ano em que se comemoram 500 anos do seu nascimento.

O concerto, que tem direcção musical e artística de Renato Júnior e de Tiago Torres da Silva e será depois transmitido pela RTP 1 conta com a participação em palco de Bárbara Barradas, Joana Amendoeira, Kátia Guerreiro, Natália Luiza, Selma Uamusse, Tatanka, Tiago Torres da Silva, Vitorino, Baltasar Marçal, Fred Martins e Irma, para além de um orchestra de qualidade.

Serão valorizadas intervenções musicais que tenham como base textos de Luís de Camões.

O concerto culmina com a entrega a Herman José do Prémio Vida e Obra da SPA, que o consagra pelo seu talento excepcional como actor, músico e autor, no ano em que comemora 70 anos de vida e 50 de incessante e multifacetada carreira artística. O Prémio Vida e Obra é atribuído todos os anos a figuras centrais da nossa vida cultural, científica e também política, tendo sido recebido até agora por Mário Soares, Eduardo Lourenço, Manuel Alegre, António Lobo Antunes, Álvaro Siza Vieira e António Damásio, ente outros.

Antes deste concerto, a SPA promoveu o concerto “Merecer Abril”, homenagem ao espírito e ideais do 25 de Abril, que foi transmitido com êxito pela RTP 1 e noutros canais.



# EX POSI ÇÃO

“25 DE ABRIL DE 1974,  
QUINTA-FEIRA”

FOTOGRAFIAS DE  
ALFREDO CUNHA

GRAVURA DE  
ALEXANDRE FARTO/VHILS



A exposição faz parte das celebrações dos **50 anos** do **25 de Abril**  
na **Sociedade Portuguesa de Autores**.

EXPOSIÇÃO PATENTE ATÉ 30 DE SETEMBRO DE 2024


**ENTRADA LIVRE**

VISITE A EXPOSIÇÃO

 **Quando:** De Segunda a Sexta-feira, das 09h às 19h.

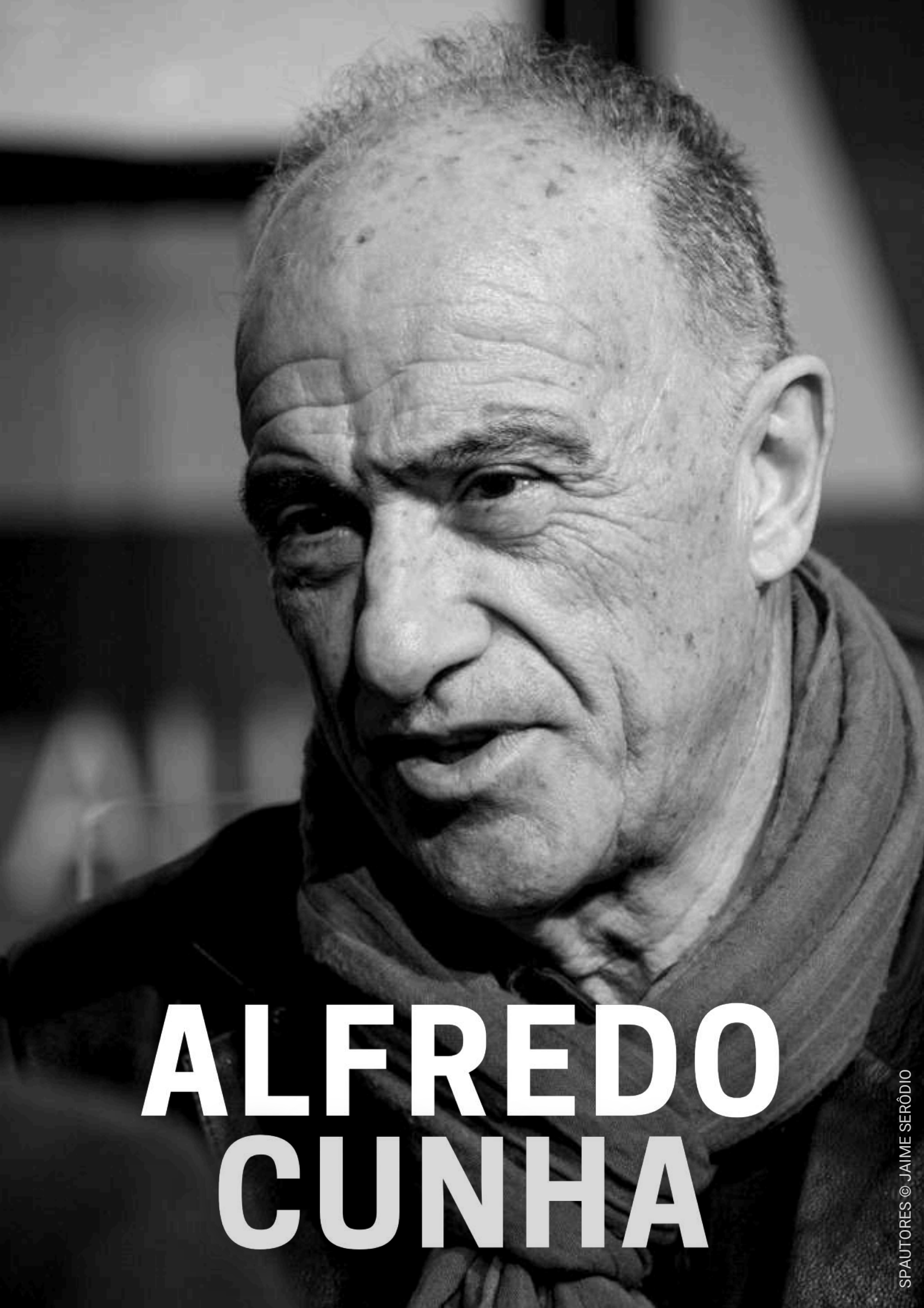
 **Onde:** Sala-Galeria Carlos Paredes (SPAUTORES),

Rua Gonçalves Crespo, nº62 - Lisboa

SAIBA MAIS  
AQUI 







# ALFREDO CUNHA

# ALFREDO CUNHA

EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIA NA SPA  
DEDICADA AOS 50 ANOS DO 25 DE ABRIL

## **Q**ue emoções despertam esta exposição ao seu autor?

Esta exposição é, para mim, o contrário de uma viagem no tempo. Porque, para mim, isto aconteceu ontem. Lembro-me dos sons, lembro-me das palavras que ouvi, há uma frase, que a primeira vez que a ouvi, repetida, várias vezes, foi: “Viva a Liberdade!”. Um gajo fica um bocado arrepiado... São cinquenta anos. Eu, na altura, tinha vinte anos. E agora digo: “Como é que tenho setenta anos, se ainda ontem estive a fotografar o 25 de Abril?”

## **Para além do “Viva a Liberdade!”, que palavra ou frase, que, enquanto fotógrafo, naturalmente, não pudesse registar-se, mas que ficou desse dia?**

Há uma frase do Salgueiro Maia, que ele diz quando o conheci. Eu tenho aqui uma fotografia... é importante ver a fotografia para entender o resto. É esta a foto! [fotografia no topo da página seguinte]

## **Está junto a um Peugeot, da polícia?**

Sim, quando ele olha para mim, eu estava escondido, e ele disse-me: “Quem é você?” e apontou para mim. Mas como ele tinha a metralhadora na mão...(risos) Levantei-me logo e disse: “Eu sou jornalista”, tirei a carteira. Ele: “Então e está aí escondido porquê?” E eu “Estou escondido porque...”, Ele: “Você não pode estar escondido.”







Ou é do contra, ou é a favor. Se for do contra, somos nós, se estiver a favor são aqueles gajos, ali daquele lado”.

**É um momento de definição.**

Foi essa frase...

E este senhor, que estava ali atrás de mim, é o Maia Loureiro.

**Que, aliás, aparece no tanque, temos a imagem dele ali...**

No final.

**Exactamente.**

Para mim também é muito engraçado, porque encontrei imagens inéditas. Esta era inédita... há muita imagem inédita ainda. Esta foi recusada na altura, porque o boné estava cortado. Aqueles preciosismos...

**Como se um fotógrafo de reportagem, pudesse ter a capacidade para, a cada momento, se lembrar de cada preciosismo...**

Pois! Apesar de tudo, tinha algum cuidado, e tenho, de composição a fotografar.



**É uma emoção quando eu chego e estou a fotografar o 25 de Abril. Sei que é o dia. É o dia! Isso, sim, é emoção.**

**Mas a reportagem é algo de imediato. Há coisas que se têm de fotografar na hora... Não é propriamente a mesma coisa que uma fotografia de estúdio... Ainda para mais num momento revolucionário em curso! Que é único. Aliás, esse é uma das perguntas seguintes: Enquanto fotógrafo, houve algum momento mais emotivo do que este? Se sim, qual foi?**

É uma emoção quando eu chego e estou a fotografar o 25 de Abril. Sei que é o dia. É o dia! Isso, sim, é emoção. A outra é quando o Marcelo Caetano vai preso e digo para mim: “Agora sim, agora é verdade”. Outra emoção é a gente houve gritar “Viva a Liberdade”, milhares de pessoas. Isso é outra emoção. Uma outra que tive, e que está presente no livro, que foi o momento em que desceu a bandeira portuguesa e subiu a bandeira de Moçambique, que foi a primeira independência. E eu percebi que se pode estar num sítio e mudar-se de país sem dar um passo... Num segundo, sem viajar, sem fazer nada. As circunstâncias da vida são fantásticas! Como é que eu estou num país e, só pelo simples facto de descer uma bandeira e subir outra, eu mudo país e a realidade passa a ser outra.

### **É mais do que mero simbolismo, não é?**

É uma coisa fantástica. Eu fiquei arrepiado! É verdade!

### **Naquele momento de definição, política, motivada por Salgueiro Maia, acabou por determinar, ou este lado ou aquele...**

Sim.

### **Enquanto fotógrafo, essa definição acaba também por passar para as imagens, para o que é a fotografia.**

Claro, claro. Todas as fotografias são verdade, mas não são a verdade total. Porque aquilo, ou aquilo, são fragmentos de uma realidade mais vasta, não é? Mas a fotografia tem qualidade, ou não, se nós conseguirmos, naquele rectângulo, meter o máximo de informação, o máximo de acção e o máximo de emoção... É isso que determina a qualidade de uma fotografia.

### **Mas há pouco referia-me a uma emoção maior, enquanto fotógrafo, ao nível da causada pelo 25 de Abril.**

Na Guerra do Iraque... Na Guerra do Iraque eu estive no meio de um combate e o que vi... isso é muito... Mexe conosco. Vi um carro, com quatro bombistas suicidas, explodir, na Assíria. E isso é uma coisa terrível, assistirmos à morte. Só anos depois é que tive as consequências disso. Eu convivi com isso, não devia ter convivido... Devia ter falado disso. É uma coisa terrível.

### **Podemos falar hoje?**

Podemos.

### **Quais foram as consequências?**

Stress pós-traumático, anos depois. De uma forma caricata, nós cruzámo-nos com um carro (aliás, isso está no meu livro), e passado aí um minuto ouvimos uma explosão. Eu olhei para trás e vi o carro explodir. Nós fomos sacudidos com a explosão e depois voltámos para trás. Comecei a fotografar. Houve ali os italianos que começaram aos tiros, não sabiam muito bem para quem é que estavam a atirar. E isso é o envolvimento total, em que um indivíduo pode morrer. Na altura, não se pensa nisso. É isso que é perigoso. As pessoas morrem nas reportagens, por causa da adrenalina, e por querer fazer as coisas. É quando perdemos o discernimento, e eu perdi-o ali um bocadinho. Tive sorte.

### **Actualmente considera-se que o jornalismo é uma das profissões de maior risco.**

Na altura, já o era. A diferença está numa coisa fundamental. É que, antigamente, os jornalistas não eram o alvo. Agora são o alvo, porque o facto de os jornalistas estarem com uma tropa ou com outra, faz deles militares. Antigamente, os jornalistas estavam nos dois lados.

Nomeadamente, na Guerra do Vietname, os jornalistas americanos iam para os dois lados. Nós, agora, na Guerra da Ucrânia, não temos o lado da Rússia. Em Gaza temos, por acaso, os dois lados, e conseguimos perceber atrocidade.



**(...) antigamente, os jornalistas não eram o alvo. Agora são o alvo, porque o facto de os jornalistas estarem com uma tropa ou com outra, faz deles militares. Antigamente, os jornalistas estavam nos dois lados. Nomeadamente, na Guerra do Vietname, os jornalistas americanos iam para os dois lados. Nós, agora, na Guerra da Ucrânia, não temos o lado da Rússia.**





SPAUTORES © JAIME SERODIO

Nós não temos informação toda do que se passa na Guerra da Ucrânia. Toda a gente mente na guerra. Todos são bons e todos são maus. A mim, os soldados russos fazem-me lembrar os soldados portugueses, antes do 25 de Abril. A malta estava ali naquela guerra e os soldados são pessoas, que estão ali porque têm de estar. Depois são mais ou menos sanguinários, o que tem que ver com as características de cada povo, de cada pessoa e cultura. Aqueles países estão sempre em guerra, há centenas de anos. Na Segunda Guerra Mundial, a Ucrânia foi completamente arrasada, primeiro pelos alemães e depois pelos russos. E agora outra vez.

**Quando fez as fotografias que estão na exposição na SPA usava uma Leica?**

Leica M3 e Nikon F. Hoje trabalho com câmeras altamente sofisticadas.

**E as lentes também.**

E as lentes também, sim. Mas continuo a trabalhar com Leica.

**Em que é que isso muda o fotógrafo?**

Muda na capacidade de fotografar, na capacidade de editar imediatamente. Há um exercício, que eu não gosto de fazer, que é como é que eu faria o 25 de Abril se tivesse material digital. Eu prefiro não pensar nisso... Na altura eu tinha o melhor material que havia, por conseguinte, o meu horizonte era aquele. Agora, é outro. Por isso, não há forma de comparar. É incomparável. Se calhar faria as mesmas fotografias, mas faria mais. É isso.

**O olhar mantém-se, o equipamento é que muda.**

É verdade.

**Mas abrem-se mais possibilidades técnicas.**



**Toda a gente mente na guerra. Todos são bons e todos são maus.**

É infinito! É infinito! Eu faria coisas... prefiro até nem pensar nisso! Até me incomoda.

**Mas chegamos a um ponto, que sei que também inquieta muito...**

A manipulação e realidade artificial.

**Aí está, a manipulação.**

A manipulação existiu sempre! Só que agora é mais fácil.

**E mais credível?**

Sim, mais credível. O problema é que descredibiliza a fotografia toda. Esse é que é o problema.

**Como é que se combate?**

Tecnologicamente, tem de se arranjar forma de se certificar. As máquinas fotográficas já estão a fazer isso, a não manipulação. E certificar com software e hardware que não dê para "mexer", para manipular. Na própria câmara, já se podem introduzir filtros, já se pode uma série de coisas... O problema é que ainda não se atingiu, internacionalmente, um standard do que é uma câmara fotográfica. O grande erro é misturar a câmara fotográfica com o telemóvel. Começa por ser o primeiro grande erro, porque aí é permitida toda a manipulação. A câmara fotográfica deveria só fazer fotografia, mais nada. Mesmo a questão do vídeo, admito que a câmara fotográfica seja mais prática para fazer vídeo, mas, então, só devia fazer vídeo, e não fazer as duas coisas. Senão estamos sempre a introduzir factores passíveis de serem manipulados.



## **O público, o cidadão comum, é confrontado com uma imagem e não tem como saber...**

Li um artigo divertidíssimo sobre isso, com a inteligência artificial e a indústria da pornografia. Pura e simplesmente está a acabar! E fazem coisas sinistras: põem os actores famosos a fazerem filmes pornográficos. E atrizes! E vale tudo! Isto devia ser um crime gravíssimo! É um mundo sem regras. Há umas regras definidas pelo Facebook, outras por outras plataformas, que é a regra do dinheiro e do lucro.

## **Qualquer pessoa, em sua casa, pode fazer muita coisa. Pode substituir-se, com a inteligência artificial, um artista?**

A inteligência artificial, quanto a mim, é o maior plagiador de sempre. Plagia milhares de milhões de coisas, ao mesmo tempo. Seja música, fotografia, cinema, literatura, pintura, sei lá, está tudo ali. A questão dos dados e do plágio são uma coisa terrível. Enfim, estamos a afastar-nos do 25 de Abril...


## **Não me parece. Na verdade, o 25 de Abril é um grande portal para pensarmos a vida, a sociedade e o mundo. Aliás, atentando a isso, a fotografia talvez tenha novamente papel principal na sociedade, mas, momentos houve, em que foi secundarizada, ou não?**

**Completamente.** A fotografia foi secundarizada em relação a todas as formas de arte, nomeadamente a pintura e o cinema. A fotografia é uma coisa, do ponto de vista da reflexão, sobre uma personagem... o cinema não permite essa reflexão. Os 24 frames por segundo não permitem essa reflexão...

## **Isso quer dizer que o cinema conduz mais a audiência?**

O cinema conduz e a fotografia abre uma porta. Olhamos para fotografia do Salgueiro Maia e pensa-se: "Quem é este gajo?". Pode teorizar-se. O primeiro texto teórico sobre aquela fotografia é o do Vicente Jorge Silva, que vem no meu livro. Eu penso que hoje já se começa a dar o devido valor à fotografia. A parte mais lucrativa, por exemplo, do jornal Público, foi quando deu grande ênfase à fotografia. Quando perdeu aquela lógica fotográfica, perdeu leitores. Eu acho que a Fotografia é fundamental para a informação. Pode não ser em jornal, pode ser na Internet, seja como for. E como forma de arte. Neste momento, eu estou a vender fotografias. O Vhils, na Underdogs, está a vender fotografias minhas, como obra de arte. Mas há outras normas, outras lógicas... Há a prova de autor, há a prova comum... Pronto, é uma visão mecânica, exige muito de quem a fotografa e depois de quem a produz. É como a escrita, quando se edita uma fotografia, está a editar-se um texto. É a mesma coisa.

## **Mas há a escolha do fotógrafo, no modo de olhar para o que o rodeia.**

A minha forma de editar as fotografias é diferente, eu tenho uma lógica a preto e branco, tenho de fotografias profundas, que é a minha marca. Por exemplo, eu ouço muita música, mesmo muita música.... Eu gostava, quando era mais novo, da identidade de cada músico. Os Rolling Stones eram diferentes dos Doors, os Beatles eram diferentes, etc. Agora não, o som está todo massificado. A fotografia também tem isso, tem de ter autoria, tem que ter marca. Eu acho que a única coisa que eu fiz bem foi preservar a minha marca como fotógrafo. 



**FOTOGRAFIAS**  
**ALFREDO CUNHA**

A close-up portrait of Herman José, a middle-aged man with light brown hair, wearing black-rimmed glasses and a blue and white striped button-down shirt. He is looking directly at the camera with a slight smile. The background is dark.

# HERMAN JOSÉ

PRÉMIO VIDA E OBRA 2024





# A GAROTA NÃO

PRÉMIO JOSÉ DA PONTE 2024





## ENTREVISTA

---

# CÁTIA OLIVEIRA

## A GAROTA NÃO ÁLBUM “2 DE ABRIL”

---

**O** prêmio que acaba de receber tem o nome de um autor. José da Ponte traz-lhe alguma sensação associada?

Obrigada por este prêmio. José da Ponte é um nome muito óbvio para quem é verdadeiro conhecedor de música, a quem importa a autoria, quem fez arranjos, quem produziu, as particularidades de cada disco e de cada projeto. Mas não é um nome óbvio para o público em geral. E a realidade, é que neste sentido, neste campo dos quase anónimos fundamentais, a música tem alguns outros José's da Ponte muito importantes. E isto não é uma provocação. É uma forma de chamar à conver-

sa pessoas que me foram fundamentais no caminho. E há os fundamentais como o Zeca Afonso, José Mário Branco ou Sérgio Godinho, que me despertaram o ouvido para uma forma muito particular de entender a música e o seu poder, mas há também os outros fundamentais, muito menos visíveis, e que a seu jeito foram essenciais para dar outros territórios à música que fazia, ao amor e necessidade que sentia em fazê-la.

### **Quem são esses fundamentais?**

Falo do meu pai, do Valter Rolo, do Tiago Morais, do Xoto e do Sérgio Mendes, que nas nossas partilhas



me ensinaram a olhar para a música com mais audácia e respeito.

E falo também de 3 grandes mulheres a quem, em escolas públicas e de mau ranking, tive a sorte de ter como professoras de português, e que me ensinaram a encontrar na língua portuguesa um lugar de escolha. De liberdade e gentileza, de expressão e amor. Foram a Georgina Silva, a Eduarda Vaz e a Luísa Vargas.

### **Tem um sentimento de gratidão para com estas pessoas?**

Devo muito a cada uma destas pessoas, e devo muito também à minha mãe, a quem gostaria de dedicar este prémio, com um pequena história:

A minha mãe gostava de ouro. E como era boa pagante, conseguiu comprar algumas peças a prestações, sob a confiança do ourives. Ficava anos a pagar cada peça. Lembro-me de ir com ela à ourivesaria quando era o dia da entrega do dinheiro. Às vezes levava 2 contos, quase sempre levava menos. A senhora ao balcão abria o caderno, procurava a página com o nome dela, e apontava o recebido. Era uma conta com muitas datas e muitos sinais de subtração, que se ia abatendo de forma lenta mas regular. Outras vezes não levava nada, passava por lá só para pedir desculpa.



**há os fundamentais como o Zeca Afonso, José Mário Branco ou Sérgio Godinho, que me despertaram o ouvido para uma forma muito particular de entender a música e o seu poder, mas há também os outros fundamentais, muito menos visíveis, e que a seu jeito foram essenciais para dar outros territórios à música que fazia, ao amor e necessidade que sentia em fazê-la.**

### **A sua mãe ofereceu-lhe uma forma de estar na vida?**

A minha mãe tinha um sentido de justiça e generosidade raros; Acudia a gente e animais mesmo quando isso implicava repartir o que já era pouco. Ela acreditava num dia melhor. Era brava, forte, firme, frontal. E se isto não bastasse, era a mais meiga de todas as mães.

### **Uma presença que marcou pelo seu lado humano...**

... no fim, ela raramente usava o seu ouro, que a vida não tinha grandes ocasiões. Mas tenho a certeza de que se ela pudesse aqui estar hoje, traria tudo o que tinha. Mas como ela já não está, eu trouxe o ouro que ela me deixou cá dentro, um poceiro de vontade e força por uma terra mais fértil e florida para todos.

E por isso, este prémio é para ela. 



SPAUTORES © JAIME SERÓDIO

## LANÇAMENTO DO LIVRO “AS PALAVRAS DAS CANÇÕES”



SAIBA MAIS  
AQUI ➡







# CARLOS MENDES

PRÉMIO PEDRO OSÓRIO 2024





ENTREVISTA

# CARLOS MENDES

VENCEDOR DO  
PRÉMIO PEDRO OSÓRIO 2024

||

E

ESTE PRÉMIO PEDRO OSÓRIO TEM PARA MIM UMA IMPORTÂNCIA MUITO GRANDE, PORQUE EU TIVE UMA RELAÇÃO MUITO PRÓXIMA COM ELE, AINDA MUITO NOVO, ANTES DOS 20 ANOS, CONHECI-O MUITO BEM. TEM ESTE LADO EMOCIONAL, ESTE RECORDAR DO PEDRO, DO MÚSICO QUE ELE ERA, ISSO TUDO. É DOS POUCOS PRÉMIOS QUE RECEBI, QUE TEM UM SIGNIFICADO MAIOR. É ISTO QUE EU TENHO PARA DIZER SOBRE O PRÉMIO. ESTE PRÉMIO RENOVOU-ME. VAMOS ENVELHECENDO, VAMOS DESLIGANDO UM BOCADINHO. ESTES PRÉMIOS SÃO FUNDAMENTAIS PARA A ENERGIA DOS PRÓPRIOS AUTORES.



**A maior parte das pessoas comentam o prémio que recebem falando do seu passado, mas, neste caso, até pela questão da energia, é um comentário mais voltado para o futuro...**

..por causa da importância do prémio, porque há prémios em que ficamos muito orgulhosos, muito contentes, mas não espevitam. Este dá-me energia para o futuro. Tanto que, quando recebi o prémio, fui para casa, coloquei-o na prateleira dos prémios, e comecei a compor...

**Como foi essa ligação com o Pedro Osório?**

Eu comecei muito cedo, com os Sheiks, e ele já era um músico considerado no Porto. Há uma vinda dele para Lisboa, convidado para fazer parte do Quarteto Académico, e aí, os Sheiks e o Quarteto Académico, funcionavam com muita ligação. Começou aí a minha ligação com ele. Eu devia ter 17, 18 anos. E, há uma curiosidade sobre o Pedro Osório... Ele dizia: "Faço Engenharia, não faço Engenharia?". Um dia, telefona-me e fala-me do Festival da Canção. Eu tinha um bocadinho de rejeição em relação ao Festival, mas ele disse que era bom, que lançava uma carreira a solo, e que gostava de falar comigo sobre isso. Foi a minha casa (era a casa dos meus pais), e disse-me uma coisa que me convenceu,

imediatamente: "Isto é uma coisa que eu queria fazer e vai decidir muito a minha vida futura, se vou ser engenheiro ou se vou ser músico". Então fomos ao Festival e ganhámos, com o "Verão", que era uma música que ele tinha feito com o José Alberto Diogo. E ficámos com uma amizade. Depois fizemos um disco, com arranjos e músicas dele. E é um disco de orquestrações, vê-se que é um começo.

**Foi, num certo sentido, um disco experimental do Pedro Osório?**

Exatamente! Nessa altura, eu já estava a entrar em Belas Artes, entrei em outubro de '67, objetivamente lançado no Curso de Arquitetura, portanto não tinha problemas, se não ganhasse o Festival, ou se o disco não fosse bom... Se vendesse muito ou não... Entreguei-me nas mãos dele. Mais tarde, quando se dá o 25 de abril, entro mais a sério na música é o Pedro que faz praticamente os arranjos todos dos meus êxitos. Quando volto a trabalhar com ele, era uma diferença, uma coisa brutal. Depois, o Pedro andou sempre "entra e sai" da minha vida. Ele foi sempre assim!

Voltando ao prémio, eu não sou muito de prémios, não ligo muito, mas isto é uma espécie de consagração, é atear novamente o fogo da composição.





**E é admirável a evolução que o meio musical teve ao longo destes anos.**

Eu lembro-me, quando começámos a tocar, nos Sheiks, e tínhamos que fazer covers para cantar nos bares, tínhamos de tirar coisas dos Beatles e dos Rolling Stones, dos giradiscos! A maioria dos nossos acordes estavam errados.

**Era parecido...**

Era parecido! “Deixa estar, que isto passa”. Até que chegou um tipo que sabia mais... A escola, digamos assim, dos anos ‘60 foi feita nos bancos de jardim. Passava ali um ou outro músico, passávamos conhecimentos uns aos outros, o que é uma situação riquíssima, não é? Era muito bonito até.



**A escola, digamos assim, dos anos ‘60 foi feita nos bancos de jardim. Passava ali um ou outro músico, passávamos conhecimentos uns aos outros, o que é uma situação riquíssima, não é? Era muito bonito até.**





**MARIA ELISA  
DOMINGUES  
PRÉMIO IGREJAS CAEIRO 2024**

# MARIA ELISA DOMINGUES

## VENCEDORA DO PRÉMIO IGREJAS CAEIRO

### **É** uma ouvinte de rádio?

Confesso que só ouço rádio no carro. Tenho essa rotina, mas ouço “rádio-rádio”, não ouço podcast, que é uma tendência, agora. Ouço música de rádio ou notícias, quando estou a guiar, que acho que é uma oportunidade que temos. Sou uma ouvinte normal, acho que as coisas são muito diferentes, não são melhores nem piores. Hoje os programas de rádio que são mais bem-sucedidos, normalmente, usam uma grande dose de humor. É uma via que se usa muito para agarrar as pessoas, para agarrar o ouvinte. Hoje, o que as rádios enfrentam, e que não existia no tempo de Igrejas Caeiro, é a concorrência dos outros meios de comunicação... Nomeadamente, a televisão e o *streaming* todo, as redes sociais e tudo isso. Tudo isto é uma batalha para captar a atenção do público.

### **A televisão também está nessa batalha.**

Eu hoje teria muita dificuldade em ser directora de programas de uma estação de televisão, porque as opções que se tem de adoptar para conseguir audiências, são opções com as quais eu não me identifico e que acho que não fazem bem nenhum. Não são formativas, nem informativas. Nomeadamente, o uso e abuso dos reality shows para conseguir audiências. Tenho imensa pena, mas continuo a achar, desde o princípio, que a vida real sem ser mediatizada pela cultura, aquilo que pode ser uma encenação, uma produção, raramente é muito interessante para se estar a assistir a ela. Acho que





se aprende pouco, a televisão tornou-se menos formativa e menos informativa. Eu não quero dizer com isto que a televisão tenha que dar lições. O entretenimento, quando bem trabalhado, pode ser extremamente interessante e uma fonte enorme de conhecimentos. Há bons programas de entretenimento.

### **Por exemplo?**

A Máscara é um bom programa, porque mistura várias coisas: tem uma produção importante, que encena as coisas, portanto, não é o retrato da vida real que, de um modo geral, não tem interesse nenhum, a não ser para os próprios e que até costuma puxar o pior que as pessoas têm, e não o melhor. A grande vantagem da ficção, da dramatização das coisas, é que, realmente, consegue puxar o que há de melhor e o mais interessante no ser humano, com uma componente de sonho, às vezes, e que ultrapassa a mediania da vida real. E isso é muito mais enriquecedor do que, propriamente, por as pessoas dentro de uma casa, a insultarem-se ou a fazerem outras coisas do género. Eu penso que os reality shows empobreceram muito o panorama televisivo. O que não quer dizer que não perceba que, em termos de gestão, quem está à frente das televisões não tenha de optar por essas soluções. Mas não gosto e fico muito contente por não ter essa responsabilidade.

### **O início dos reality shows foi um momento em que se cruzou uma fronteira?**

Cruzou e nunca mais veio para trás! A primeira vez que se produziu um Big Brother, em Portugal, eu ouvia as pessoas a dizerem: “As pessoas vão-se cansar!” e eu pensava que estavam todos loucos. Para já porque



## **O entretenimento, quando bem trabalhado, pode ser extremamente interessante e uma fonte enorme de conhecimentos.**

havia a experiência de fora, não que eu seja a pitonisa, mas bastava ver o que se estava a passar nos outros países. Quando se abre esta devassa da vida real, há uma curiosidade mórbida nas pessoas. Já existem vários filmes que analisaram essa questão, por exemplo, o Network, no qual se vê que, em última instância, se alguém conhecido anunciar que se vai matar, na televisão, haverá audiências como nunca. Porque há uma tendência mórbida das pessoas! A grande função da arte e da cultura é puxar pelo melhor da natureza humana e não pelo pior.

### **Mas o entretenimento passou a ser também parte dos espaços de informação.**

Passou, porque é uma forma de promover. É uma política dos canais para promoverem as suas próprias apostas, mas dentro do noticiário. Em alguns países existe, mas noutros não. Não vamos pensar: “Nos outros países é igual”, não é! Felizmente, ainda há muitos países da Europa, onde as coisas não se passam assim. O facto de haver um reality show não significa que tome conta de seis, sete ou oito horas de programação por dia.





São coisas diferentes, são mais confinados no tempo, não avassala toda a programação. Quando se abre essa porta, não há volta atrás, vai ser sempre cada vez mais... São os que se casam sem se conhecerem, a própria noção disto, do meu ponto de vista, alimenta uma degradação das relações humanas terrível, porque isto tem influência nos jovens! Normaliza-se o facto de pessoas tomarem um compromisso com outra pessoa por aposta ou por diversão? Em última análise, estão em jogo sentimentos. Portanto, vai-se sempre avançando nessa direcção e eu acho que é perigoso, obviamente.

**De volta aos noticiários, sente que o lado *infotainment* tem aumentado?**

Odeio noticiários com uma hora e meia ou duas horas. Detesto, continuo a não perceber. Cheguei de Inglaterra, onde o meu filho vive, os noticiários continuam a ter meia hora. Em França também. Na maior parte dos países democráticos da Europa, os noticiários continuam a ter meia hora. Não se arrastam, com este efeito mimético: eu faço uma hora e meia, porque tu fazes uma hora e meia, eu faço duas horas, porque tu fazes duas horas... Bom, pelos vistos dá audiência. O que é um bom sinal, quer dizer que as pessoas querem ser informadas, mas se formos espremer tudo, e ver o que foi informação mesmo, é muito pouco. Muitas vezes, repetem-se os mesmos temas ou dão-se temas que têm um interesse meramente local, que também tem que haver, mas enquanto noticiário regional. Cada coisa devia ter o seu sítio, não é? Até o Brasil! O principal telejornal da TV Globo, que para mim é a referência de televisão no Brasil, tem meia hora! Não tem mais, nem vai para temas que depois, e muito bem, as televisões regionais tratam, não é? Nós temos o Porto Canal e temos serviços regionais. A RTP, por exemplo, tem.



**Acho que os formatos deveriam ser menos longos e todos ganhávamos com isso. Estas opções são complicadas e são, absolutamente, ditadas pelas audiências.**

**Não deixa de ser uma telespectadora atenta.**

Não sou daquelas pessoas que dizem que não veem televisão. De maneira nenhuma, eu vejo televisão, porque gosto de televisão. E mesmo não gostando da duração dos jornais televisivos, eu vejo-os. Às vezes, ao fim de um bocado, mudo de canal, porque já tenho a informação principal do dia e não me interessa mais. Mas acho que há pivots muito bem preparados, nomeadamente, eu gosto, do Rodrigo Guedes de Carvalho, da Clara de Sousa. Acho que são pivots muito *reliable*, e que transmitem a gravitas que eu acho que o serviço de noticiário exige, ou seja, tem que ter um certo sedimento... E para isso têm que ser pessoas capazes de interagir com os entrevistados, de uma maneira informada, saber o que eles estão a falar e colocar as questões certas. Acho que os formatos deveriam ser menos longos e todos ganhávamos com isso. Estas opções são complicadas e são, absolutamente, ditadas pelas audiências.

**Uma das questões mais debatidas prende-se com as *fake news*.**

Sempre existiu! Mas agora existe muitíssimo mais e essa prática foi "legitimada" por um Presidente! Pelo Presidente dos Estados Unidos, não é? O Donald Trump deu uma força e





um espaço a todo este fenómeno que nós nunca imaginámos que fosse possível. Sempre achei que ele ia ser Presidente. A maior parte das pessoas não acreditou que uma pessoa com as características do Donald Trump que, nitidamente, não distingue a verdade da mentira – ou talvez distinga, mas, para uso político, usa como lhe convém –, pudesse ser Presidente. E nunca pensámos que pudesse legitimar-se, desta maneira, de fazer esbater as fronteiras entre o que é verdade e o que é manipulação. Hoje isto existe num grau que nós não percebemos.

**Mas daí a importância dos jornalistas e da gravitas de que falava, que não existem nas redes sociais...**

Eu não tenho redes sociais, por opção. Se calhar, se estivesse hoje no activo, teria de ter. Felizmente, não preciso. A minha carreira não passou por aí e agora, de certeza absoluta, que já não passa. Para certas coisas podem ser úteis, é muito mais fácil revelar um determinado talento numa rede social, do que conseguir ascender a uma estação de televisão nacional. E as pessoas são lançadas por aí e há muitas pessoas a viver disso, como sabe, com proveito. Tem um perigo... As pessoas, em geral, só mostram a sua melhor versão, mais sorridente, mais feliz e eu acho que isso pode induzir nos jovens uma enorme angústia de não se sentirem identificados com aquela alegria e aquela “beleza”. É tudo muito bonito e agradável para a fotografia...

**Há quem acredite que para se realizar enquanto pessoa tem de ser assim...**

Sim. De pensar que para serem pessoas modernas e para serem aceites pelos outros, têm de ser assim e isso é muito perigoso. Pode ser a fonte de uma enorme angústia, imagino.

**Passou activamente pela política...**

Mas não gostei. Não gostei nada.



**A maior parte das pessoas não acreditou que uma pessoa com as características do Donald Trump que, nitidamente, não distingue a verdade da mentira – ou talvez distinga, mas, para uso político, usa como lhe convém –, pudesse ser Presidente. E nunca pensámos que pudesse legitimar-se, desta maneira, de fazer esbater, completamente, as fronteiras entre o que é verdade e o que é manipulação.**

**Mas fazendo a relação com um programa que apresentou, Os Grandes Portugueses, que teve um resultado que foi, para muita gente, surpreendente...**

Para mim, muito surpreendente. Há pouco dizia que o Trump para mim não foi surpresa, nenhuma, mas o resultado de Os Grandes Portugueses, em Portugal, para mim foi uma grande surpresa... tanto que a produção não me disse antes. Eles souberam algumas horas antes e não me disseram.

**Salazar foi a figura escolhida. Estávamos em 2006?**

Sim, estávamos em 2006. Para mim foi uma surpresa total, que tão depressa as pessoas se tivessem esquecido de todos os aspectos tremendos, aspectos negativos da ditadura. Fez-me muita confusão.

**E, pensando nisso, quando olha para a realidade política que temos ...**

Eu acho que a política de hoje e, nomeadamente, esta subida do Chega tem que ver com o facto das pessoas não saberem realmente o que foi a ditadura. A maior parte dos jovens não têm qualquer ideia do que era viver sem liberdade. Sem liberdade de se manifestar, sem liberdade de escrever, sem liberdade de falar, sem liberdade de amar, sem liberdade de tanta coisa e, portanto, como estão numa onda de protesto contra o que se está a passar...

Eu acho que esta vitória do Chega tem que ver com um descontentamento que há, e com razão. Os jovens enfrentam problemas terríveis, como se tem falado: o facto de não conseguirem comprar ou alugar uma casa, é das coisas tremendas que há. Os 50 anos de democracia não serviram para resolver isso. Parece que a crise aumentou, e isso é uma realidade terrível que corta as pernas a tudo. Há muita razão para descontentamento por parte dos jovens, muita. As pessoas continuam a emigrar porque não arranjam cá emprego. Eu tenho, entre os meus amigos mais próximos, duas pessoas: um professor catedrático no Imperial College, em Londres, outro professor catedrático em Harvard, são dois ex-colegas do meu filho que eu conheci toda a vida. Estas duas pessoas, um a viver em Londres e outros nos Estados Unidos, queriam voltar para Portugal e não têm oportunidade! Solicitados em todo o mundo enquanto grandes cientistas, mas em Portugal põem-lhes tanta dificuldade de acesso a um lugar semelhante ao que têm, em instituições muito mais prestigiadas. A burocracia mata isto tudo, os concursos continuam a ser feitos à medida para entrarem pessoas que não podem fazer sombra aos que já lá estão. Há uma cultura, a este nível e em vários meios, que é terrível e que mata o meio académico. Depois há a justiça que não funciona... estou casada com um americano, o meu marido, que é advogado, teve grande dificuldade em perceber como é que a justiça não funcionava.





Porque quando acontecia qualquer coisa, por exemplo, tínhamos obras em casa e, como quase sempre, as obras correm mal, mestres de obras que desaparecem, ou a meio da obra pedem o dobro do dinheiro... E ele dizia: "Vamos para Tribunal". Primeiro que eu lhe explicasse que ele morria antes, e eu também, e o mestre de obras também, antes do caso vir a ser julgado... Porque a justiça é um braço que não existe atempadamente. Os pequenos negócios são mortos por isso e mesmo que uma pessoa queira ir para Tribunal resolver um diferendo com o Estado... Eu pus o Estado português em Tribunal, em 2006, por me despedir sem justa causa da embaixada de Portugal, em Londres, agora, em 2024, nunca tive o mais pequeno eco deste processo, e pelo qual tive que pagar vários milhares de euros para o advogado, o processo, e tudo isso. Nunca tive eco disto. Se eu fosse uma empresa, uma pequena empresa, e tivesse dependente de um resultado...isto mata a economia! As pessoas não se detêm para pensar que coisas que parecem paralelas não o são! O facto de a justiça não funcionar atempadamente mata a economia e as possibilidades de desenvolvimento do país. Quem quer investir em Portugal primeiro informa-se e sabe que a justiça não funciona.

E se tiver um diferendo, pode acontecer a qualquer pessoa, vêm para um país assim? Não vêm, vão para outro onde a justiça funcione. Temos aqui cancros terríveis para resolver e para ultrapassar. A crítica que faço aqui ao Partido Socialista é de não ter feito *mea culpa* suficiente, quando o Governo caiu, acho que teria sido até benéfico para o PS. Os jovens deixam-se empolgar pela promessa de algo diferente, sem querer saber se esse diferente é consistente. O que me parece pior ainda no Chega é que este não tem com certeza a mesma visão que eu sobre o papel das mulheres, as minorias étnicas e os imigrantes, etc., mas sobretudo não tem ou nunca nos disse quais são as suas ideias concretas para resolver estes problemas, que são grandes imbróglios que existem na sociedade portuguesa. Como é que vão fazer a reforma da justiça? Nós não sabemos. É um partido de protesto e os jovens aderem facilmente aos partidos de protesto. Mas seriam capazes, se fossem Governo, de resolver alguns destes problemas? Não temos a mais pequena ideia, porque não nos explicaram isso. Portanto, o voto de protesto entende-se. O que se passou é sociologicamente compreensível para todos nós. Os resultados das eleições surpreenderam-me zero! Apercebi-me que as pessoas estão descontentes, sobretudo os jovens, e votaram com voto de protesto. O que é que tem sido diferente do que tem havido? Tem sido o PS a governar, e estes grandes partidos, o centrão, não

resolveu estas questões. Vamos votar num diferente. Mas o diferente teria capacidade de resolver? Tenho as mais sinceras dúvidas, porque tanto o quanto me parece, e vimos alguns aspectos de candidatos do Chega, depois eleitos deputados... Tenho a sensação que a grande parte daquelas pessoas, que agora foram eleitas, não têm preparação, sequer. Já não é só dizer que se concorda ou não concorda. Não estou a dizer com isto que nos outros partidos, os eleitos têm todos grande preparação! Eu estive no Parlamento e sei isso! Podiam perfeitamente lá não estar e não se perdia nada. Os partidos de protesto têm esse problema, têm que passar a fase do protesto à fase do fazer. E aí é que se percebe o que é que as pessoas e os partidos são capazes.

**Mudando um pouco de assunto, foi a primeira directora de programas de uma televisão na Europa e, já agora, também a primeira mulher a receber o prémio Igrejas Caeiro.**

Aconteceu, aconteceu. Eu digo sempre, e é verdade, que acho que tem tudo muito que ver com o 25 de Abril. Eu não teria tido essas oportunidades senão fosse o 25 de Abril. No antigo regime, não acredito que tivesse tido as oportunidades que tive, eu devo muito ao facto de ter havido uma revolução e de as pessoas que o fizeram e os partidos que foram sendo formados se aperceberem de que era preciso dar mais oportunidades às mulheres.

**Ainda assim as estatísticas mostram que há muito trabalho para se fazer quanto isso.**

Há muito trabalho a fazer, e não é só pelos partidos políticos, é também pela sociedade em geral. Porque se os partidos políticos, alguns, adoptaram um sistema de quotas e temos assistido a um aumento enorme do número de mulheres nos órgãos de poder dos partidos políticos, nas câmaras municipais, etc... Ao nível da malha económica, as coisas estão muito mais atrasadas.



**(...) tanto o quanto me parece, e vimos alguns aspectos de candidatos do Chega, depois eleitos deputados... Tenho a sensação que a grande parte daquelas pessoas, que agora foram eleitas, não têm preparação, sequer.**

Já há imensos estudos sobre isso, o número de mulheres nos lugares de administração das grandes empresas, nomeadamente dos Bancos, é absolutamente marginal, quase não conta. Continua a haver grandes limitações a esse nível, não só em Portugal. Esta queixa existe em quase todos os países da Europa democrática. Vai melhorando se olharmos para o Norte, quer queiramos, quer não, eu sou uma adepta muito entusiasta das democracias escandinavas. Fiz muitas reportagens nesses países, nomeadamente sobre estruturas de saúde, que foi um assunto a que dediquei e continuo a dedicar muito tempo, nos últimos anos da minha carreira. Há muito mais acessos e facilidades para as pessoas. A sociedade está muito pensada em função de resolver os problemas reais das pessoas, do que no Sul. Por exemplo, não vê nas democracias escandinavas, na Noruega, na Suécia, na Finlândia ou na Dinamarca, uma mulher aflita para ir trabalhar, porque não tem onde deixar o filho. Os problemas básicos das pessoas estão resolvidos: a educação, a habitação, a saúde. Eu acho que a saúde, em Portugal, apesar de tudo funciona melhor. Embora, apesar das queixas de toda a gente, é uma zona muito sensível, sei que há um grande alarmismo em relação às Urgências. Mas eu acho que o SNS é a maior conquista do 25 de Abril e tem coisas muitíssimo positivas, pois também comparo muito com os Estados Unidos, onde passo uma parte do meu tempo, onde uma pessoa com cancro, senão estiver empregada e não tiver um sistema de saúde associado ao seu trabalho, que é normalmente como os seguros funcionam, ou se a pessoa tiver que o fazer privadamente, se tiver posses para isso ou vende tudo o que tem e se trata, ou não se trata e morre. Isto é assim e continua a ser assim, melhorou um pouco com o Presidente Obama, que fez o Obama Care, que é, justamente, um sistema que prevê uma cobertura de acesso à saúde também para aqueles que não estão empregados. Ainda com muitas limitações, porque os americanos ao contrário de nós europeus, após a Segunda Guerra Mundial, vimos o nosso progresso assegurado pela maior robustez do sistema social, portanto, de todos os serviços sociais, nomeadamente a saúde, etc. É muito difícil para nós percebermos a absoluta rejeição que os americanos de tudo o que é providenciado pelo Estado, mesmo que seja bom. O Estado não tem nada que se meter na nossa vida, nem seja para nos dar alguma coisa. Eu ia muito aos Estados Unidos como turista, como jornalista, em trabalho, mas nunca me tinha apercebido disso tão bem como agora, que passo lá uma boa parte do tempo. Eles têm uma repulsa natural sobre a intervenção do Estado, mesmo quando é para lhes fazer bem. Porquê? Está

no ADN deles. Se aqui na Europa, nós achamos que o Estado tem que assegurar as coisas básicas, saúde, educação, habitação, eles acham que o Estado não tem de providenciar nada, o que é um bocado estranho porque deixa de fora as pessoas com incapacidade, as pessoas mais vulneráveis. Mas está nos Founding Fathers, porque sim, porque tem que ser assim, sempre foi assim. É muito forte.

**Falou do 25 de Abril como um garante de oportunidades. Estamos nos 50 anos do 25 de Abril, pelo que, já que fala do contexto social, como é que olha para o rumo que tudo parece estar a tomar?**

Em Portugal?

**E fora.**

Aqui podemos ficar, mais ou menos, preocupados com o rumo das nossas eleições e da governação, mas estamos no arco democrático e pronto, com mais ou menos tropeções, as coisas hão de avançar, porque estamos a funcionar com partidos democráticos. Nestes países e com ameaças, como a ameaça russa, do Putin ou agora com o Netanyahu também, em Israel, com uma visão completamente de direita. Para ganhar a guerra, pode dizimar um povo inteiro, é muito difícil aqui ter posições, o que, no caso da Rússia, não. O problema é que somos contemporâneos de um governante que quer reabilitar o antigo Império Russo e a comunidade internacional não sabe como lidar com isto, nem eu faço a menor ideia, também.... Apoia-se a Ucrânia, é o que tem sido possível, com as dificuldades dos equilíbrios próprios de cada país. No caso do Estados Unidos, com as dificuldades que conhecemos, com o seu Presidente que tem uma enorme experiência com política exterior e uma visão, parece-me a mim, muito acertada, mas com as dificuldades que ele enfrenta.



**(...) apesar das queixas de toda a gente, é uma zona muito sensível, sei que há um grande alarmismo em relação às Urgências. Mas eu acho que o SNS é a maior conquista do 25 de Abril e tem coisas muitíssimo positivas, pois também comparo muito com os Estados Unidos**



Mas na Europa fazemos aquilo que podemos, mas chega? Não parece estar a chegar, não é? O que é que se faz? Eu, pelo menos na minha geração, não imaginava... não vivi a Segunda Guerra Mundial, não era nascida, mas vivi as consequências e vivi, sobretudo, muito entusiasmada. Estudei isso no meu curso de Jornalismo, particularmente as Instituições Europeias, e sou muito uma herdeira desse espírito de se estivermos todos unidos na Europa não vamos ter guerra. Mentira. Estamos unidos, somos mais do que alguma vez sonhámos ser dentro da União Europeia, e temos guerra e não sabemos como havemos de lidar com isto.

### **Há mais interrogações do que certezas.**

Muito mais. Não me parece possível nenhum acordo, nem é possível negociar com pessoas que acham legítimo ir tirar território a um país constituído como tal.

### **Pressupostos tão diferentes que não são passíveis de serem colocados numa mesma mesa?**

Não é possível, mesmo que digam que sim, que estão dispostos a negociar, é mentira. Não estão. Estão a dizer isso, ao mesmo tempo estão a invadir, não é? Não imaginei estar viva, perante um cenário de, novamente, guerra e de atrocidades tão grandes na Europa. Vejo as imagens todos os dias e obrigo-me a ver, porque acho que todos temos a obrigação de ver. Claro, sou daquelas pessoas que acha que a televisão

tem que mostrar (e muito), que é para ver se as pessoas acordam e percebem onde vivem, que se preocupem menos com os reality shows e mais com a realidade. Mas não sei quais são as respostas. Quando se metem ditadores pelo caminho, como é o caso do Putin, como é o caso do Trump, como é, de certo modo, o caso do Netanyahu, qualquer possibilidade de diálogo se torna, praticamente, impossível. São pessoas com uma visão não razoável da História. É horrível. **A**



**Não imaginei estar viva, perante um cenário de, novamente, guerra e de atrocidades tão grandes na Europa. Vejo as imagens todos os dias e obrigo-me a ver, porque acho que todos temos a obrigação de ver.**





# Fachada SPA II

ABRIL  
**50**  
ANOS

25 DE ABRIL  
**DE 1974**  
QUINTA-FEIRA

FOTOGRAFIAS  
Alfredo Cunha

Alexandre Farto / Vhils



SPAUTORES © JAIME SERÓDIO



DEFENDER  
OS AUTORES  
DESDE 1925

**SPAUTORES**  
SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES

SEM AUTORES  
NÃO HÁ CULTURA







# ANTÓNIO-PEDRO VASCONCELOS

1939 - 2024

A SPA manifesta o seu pesar pela morte, aos 84 anos, do realizador António-Pedro Vasconcelos, beneficiário da instituição desde 1975 e seu cooperador desde Junho de 1986.

Nascido em Leiria em 10 de Março de 1939, era filho de um juiz e ainda familiar do poeta ensaísta e biógrafo Teixeira de Pascoaes. Recebeu a Medalha de Honra da cooperativa em 2008 e o Prémio de Consagração de Carreira em 2013.

Foi um dos nomes mais destacados do Cinema Novo em Portugal, tendo o filme “Perdido por Cem”, de 1973, sido um dos seus maiores êxitos junto do público.

De uma longa entrevista de carácter autobiográfico feita por José Jorge Letria, nasceu o livro “António Pedro Vasconcelos: Um Cineasta Condenado a Ser Livre”, da Guerra e Paz.

Com reconhecimento do público e de parte da crítica, o realizador fez as longas-metragens “O Lugar do Morto”, em 1984, e “Jaime” em 1999, obtendo com este filme a Concha de Prata do Festival Internacional de cinema de San Sebastian, e, em Portugal os globos de ouro para o melhor filme e melhor realizador. Os seus filmes mais recentes foram “Os Imortais”, de 2003, “Call Girl”, de 2007 e “A Bela e o Paparazzo”, de 2010.

António Pedro Vasconcelos foi dos fundadores da V. O. Filmes, da OPUS Filmes e do Centro Português de Cinema, cooperativa financiada pela Fundação Gulbenkian, que produziu a maior parte dos filmes portugueses das últimas décadas.

Foi ainda chefe de redacção do “Cinéfilo”, revista dirigida por Fernando Lopes e colunista da “Visão”.

Era conhecida a sua intensa actividade cívica, que o levou a tomar activas posições públicas a propósito da situação da TAP e contra a eventual privatização da RTP. Para além disso, foi professor da Escola de Cinema do Conservatório Nacional, tendo sido agraciado por Mário Soares com o grau de grande oficial da Ordem do Infante, em 1992.

António Pedro Vasconcelos foi um elemento muito activo no MASP, durante a candidatura de Mário Soares à Presidência da República. Escreveu ainda alguns livros sobre os temas cívicos que contaram com o seu empenho. Com a chancela da SPA publicou um livro sobre as suas leituras ao longo dos anos. Foi um realizador com uma intensa e criativa actividade intelectual e de cidadania. A SPA endereça à família do realizador o seu pesar solidário, recordando e destacando a riqueza e a diversidade da sua vida e obra.

1950 - 2024

A SPA manifesta o seu pesar pela morte do actor e encenador Antonino Solmer, nascido em Lisboa em 1950, que era beneficiário da cooperativa desde 1970 e seu cooperador desde 1992. Começou cedo a sua actividade ligado ao teatro amador, aprofundando depois esse projecto e interesse em companhias profissionais.

Antonino Solmer foi também director do Teatro da Trindade e subdirector do Teatro Nacional D. Maria II. Destacou-se, durante anos, pelo seu trabalho como professor de teatro, tendo contribuído para a formação de actores de várias gerações. Participou em várias telenovelas e em duas longas-metragens.

Conseguiu ser, de forma integrada e sempre coerente, actor, encenador e gestor de companhias e projectos. Também rescreveu uma comédia baseada em textos portugueses clássicos. Como actor, teve uma participação destacada na versão televisiva de “A Tragédia da Rua das Flores”.

# ANTONINO SOLMER

A SPA endereça à família de Antonino Solmer uma solidária mensagem de pesar, recordando o seu interesse e empenho na vida da cooperativa, de que era um elemento activo e combativo. O seu trabalho continuará a ser recordado com o maior apreço e admiração.

# NUNO JÚDICE

1949 - 2024

A SPA manifesta o seu pesar pela morte do poeta, ensaísta e professor universitário Nuno Júdice, associado da cooperativa desde novembro de 1978 e, sem dúvida um dos nomes mais marcantes da poesia portuguesa desde a década de 70 do século passado.

Nuno Júdice estreou-se em livro em 1972 com “Noção de Poema”, tendo construído uma obra extensa e muito traduzida no estrangeiro.

Nascido em Mexilhoeira Grande, Portimão, Algarve, Nuno Júdice iniciou a sua actividade poética regular com a publicação de poemas no suplemento “Juvenil”, do “Diário de Lisboa”.

Reconhecida pela crítica e pelo público, a sua obra deixou

de ser consensual para os principais nomes da escrita poética em Portugal nos últimos anos. Foi durante anos director da revista “Colóquio/Letras”, da Fundação Gulbenkian. Teve ainda uma relevante actividade cultural em Paris, no instituto de Cultura Portuguesa, associado à nossa representação diplomática naquela cidade.

O poeta manteve a regular publicação dos seus livros e fez incursões também no domínio da ficção narrativa, acreditando que “poesia é o teatro”, transitando de uma escrita mais impessoal e reflexiva para o registo da memória pessoal e para a descoberta dos sempre ilimitados recursos da linguagem.

A SPA recorda a sua obra e manifesta à família do poeta o seu pesar solidário.



DA COLECÇÃO  
"O FIO DA MEMÓRIA"

o fio da memória



**Pedro  
Abrunhosa:**  
Gostava Muito  
de Escrever sobre  
o Silêncio

Diálogo com  
José Jorge Letria

GUERRA & PAZ

“

**GOSTAVA MUITO  
DE ESCREVER  
SOBRE  
O SILÊNCIO**

**JÁ NAS LIVRARIAS!**

**SPAUTORES**  
SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES

**GUERRA & PAZ**